

Director: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua Dr. Avelino Germano, 62—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesense
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação neste concelho.

O ensino religioso

Já o disse, e nisto convêm a maioria do povo português, que a maior parte das leis e decretos promulgados pelo actual regimen são maus, concebidos num espirito estreito de sectarismo feroz e intolerante e marcados por uma unilateralidade incompatível com a igualdade que deve ser a característica essencial duma verdadeira democracia. E, sobre maus, todos os dias os vemos empiorar com a interpretação restritiva que arbitrariamente lhes dão na sua execução.

Para não citar outro exemplo, basta encarar na questão do ensino religioso. Numa sessão do senado foram lidas estas declarações do sr. presidente do ministério: «que é proibido por lei fazer ensino religioso nas escolas públicas ou nas particulares sujeitas à fiscalização do Estado e que, por isso, quem o fizer, qualquer que seja a sua posição social, fica sujeito às responsabilidades penais correspondentes».

E' proibido por lei fazer ensino religioso, diz o nosso actual monarca absoluto.

Por que lei? Isso não o diz elle e é pena por não sabermos em que diploma legal se estriba para fazer umas tam espantosas declarações.

A lei básica do actual regimen é, incontestavelmente, a constituição promulgada em 21 de Agosto de 1911 e as leis e decretos, no que explicita ou implicitamente fôr contrário aos principios nela consagrados, são nulos e irritos. (Art. 80). Ora a constituição não proíbe o ensino religioso. No art. 3.º, n.º 10.º diz: «O ensino ministrado nos estabelecimentos públicos e particulares fiscalizados pelo Estado será neutro em matéria religiosa». A neutralidade nunca foi o laicalismo, embora alguns espiritos menos avisados pretendam assim entendê-la.

Bem entendidos os termos da disposição constitucional, o que é proibido aos professores é que tentem impor ou persuadir, valendo-se da sua posição e autoridade, preferências ou exclusivismos em favor duma determinada confissão religiosa. Mas, se o professor quiser, quando vier a propósito, ou o aluno pedir, pode explicar contanto que o faça com lialdade, doutrinas confessionais.

A neutralidade religiosa não pode significar exclusão de toda a idea hierológica. No entanto a acção do professor público está um tanto coarctada. Como elle não pode perguntar aos seus alunos a religião que cada um segue (Art. 3.º, n.º 6.º) e é possível que entre elles haja crenças diversas, não lhe é permitido ensinar *mais especialmente* um credo religioso do que outro qualquer. Já não sucede assim, porém, num estabelecimento particular. Aqui, segundo a lei, o professor ou director ainda é obrigado a manter a neutralidade, mas pode-o fazer com mais facilidade. Ou os alunos seguem todos a mesma crença ou não.

No primeiro caso, ninguém o poderá acusar de violar a neutralidade, se lhes ministrarem o ensino religioso em conformidade com essa crença.

No segundo, o que tem a fazer é dividir os alunos em grupos consoante a religião que digam adoptar e a cada grupo dar o ensino religioso conveniente.

E' isto o que sem violências, sem torcimentos, sem rabulices, se infere da letra da constituição e que está de perfeita harmonia com o espirito da lei fundamental. E' evidente que o fim dessa lei é ga-

rantir a liberdade de consciência e esta fica bem resguardada com a nossa interpretação. O que se não pode tolerar, o que é uma tirania abominável, é que num colégio que ostensivamente se diga católico e que, portanto, os pais buscam com perfeito conhecimento do que fazem, não se possa ensinar o catecismo da Igreja Católica.

Num colégio desta ordem sómente por abuso de autoridade pode ser proibido o ensino religioso. Não há lei nenhuma que autorize essa proibição. E' um puro arbitrio dos agentes da autoridade ou ignorância da lei ou evidente propósito de perseguir.

O que manda a constituição—contra a qual não pode prevalecer lei alguma—é que se guarde neutralidade no ensino em matéria religiosa. Ora num colégio ou instituto particular que diz abertamente ministrar o ensino religioso a quem lho pedir, e que, por isso mesmo, é escolhido por pais e alunos que querem esse ensino, ¿com que direito pode ser elle proibido? A direcção do colégio não obriga, nem pode obrigar, a ninguém a que o vá frequentar; aqueles que o buscam, fazem-no na mais completa liberdade. A liberdade de consciência, portanto, não sofre a menor injúria. E é isto o que a constituição tem em vista.

Eis aqui a verdadeira doutrina que, não obstante as declarações do sr. Afonso Costa, se impõe pela sua racionalidade. Só a fúria da tirania ou a intolerância maçónica é que se atreverão a combatê-la.

Não contentes de restringirem as liberdades mais essenciaes com leis odiosas, ainda têm o despejo bárbaro de as agravar na sua execução. Contra esta funesta tendência todos os espiritos de boa vontade devem lutar sem descanso.

P. A.

O segundo aniversário da lei basilar

Viva o sr. Afonso Costa!

Passa hoje o segundo aniversário do mais importante acontecimento que, durante os trinta meses de existência desta república, se deu em seu seio.

Faz hoje dois anos que o Pombal do Século XX, o primeiro estadista da Europa, a pedra angular da república e a encarnação da vontade popular, depois de um aturado trabalho em copiar a lei de Separação francesa e adaptá-la aos seus intentos na parte que não satisfazia a vontade que o domina, atirou cá para fora, num arranco de satisfação e num eloquente gesto de grandeza, a famosa lei basilar da república que nos governa a que chamou da Separação do Estado das Igrejas mas que, com mais propriedade e com mais razão, devia ter denominado—Lei da Separação do Povo da República.

Nós seríamos uns ingratos para com o talentoso copador, e para com os restantes membros dos govêrno provisório que lhe aprovaram o abôrto, se não embandeirassemos hoje em arco e não festejassemos de forma bem so-

lene, com música e morteiros, o faustoso dia que passa em que os democráticos demagogos se desfazem em salamaleques ao genial pestunto que tam grandiosa obra produziu, pelo que bem mereceu a nunca assás cantada glória de ser mimoseado, nesta democrática república, com a aristocrática fórmula de Sua Intangibilidade D. Separado I.

Não queremos cometer tal ingratidão e assim diremos que estamos em plena festa, muitíssimo satisfeitos com o dia de hoje e quasi estoirmos de alegria.

Parece pêta mas é a verdadeira mais verdadeira que na verdade pode existir, porque, se não houvesse em Portugal um Afonso Costa, seria necessário tê-lo inventado para que o poder oculto que lhe dita os actos e lhe governa os movimentos podesse operar a vontade.

Se não houvesse um Afonso Costa com seus adeptos talvez não houvesse as fanfarronadas, as vinditas e as perseguições e estas serviram para abrir os olhos e despertar o sangue da parte sã da po-

pulação portuguesa e deu-lhe coragem para desviar com a ponta do pé, buscando o exemplo em sua Divina Mãe Celestial, a serpente venenosa que queria envolvê-la em seus peçonhentos ardis.

Por isso não podíamos deixar de estar em festa.

Viva o sr. Afonso Costa!
Vivóóó!!!

A's armas!

«Os presidentes das câmaras reclamaram providências contra o não chamamento às armas à sua entrada no edificio do Congresso, pela guarda, em virtude de considerarem esse facto menos atencioso para o prestígio do poder legislativo».

(Da telegrafia do Noticias de 17).

Ora adeus!

Nos tempos da propaganda republicana, quando tudo servia para achincalhar o outro regimen, condenavam-se as paradas militares, as honras, censurava-se o rei por se fazer acompanhar do seu séquito, dizia-se mal de tudo quanto representasse aparato, um vivo inferno!

Hoje é o que se está vendo.

O que dantes era feio agora é bonito, o que era mau é bom, o que era crime é virtude, o que era abuso é legal, o que era despótico é liberal, enfim—quartel general em Abrantes e tudo como dantes.

Para maior gracinha até os presidentes das Câmaras querem a *chamadela* das armas para que toda a gente saiba que s. ex.ª vão a entrar, e, apesar de lhes ser demonstrado que a guarda que deixou de o fazer cumpriu a sua obrigação, não se convenceram e protestaram.

Ora bolas!

Nós cuidavamos que estes luxos eram só no tempo da outra senhora.

Para isto e para o mais que se está vendo era escusado o sr. Machado dos Santos ter feito a república, e os outros andarem-se para aí a esfalfar.

Mais algum tempo e veremos o sr. Afonso de sceptro e coroa sentado no trono.

Não que elle é bem mau!...

Cinematógrafo Central Chantecler

(SALÃO ARTISTICO)

Hoje, as sensacionais películas

A IDADE PERIGOSA

1000 metros—2 actos

(Drama artistico da vida social)

ENTRE O AMOR E AMBICÇÃO

400 metros

A ÚNICA SOLUÇÃO

Que a República Portuguesa está sofrendo uma crise pavorosa motivada pela acção nefasta da falange demagógica, pseudo-republicana, é uma verdade que se não pode encobrir. E que a República Portuguesa, isto é, a Nação Portuguesa, não pode resistir por muito tempo ao estado doentio em que se debate, e necessita imediatamente de entrar numa fase de convalescença que seja o início duma saúde plena, é outra verdade que ninguém pode refutar.

Para se chegar a estas conclusões nem é preciso ser lido em Gustave Le Bon, nem passar pelas aulas de Economia Política. Basta apenas olhar com frieza e calma o aspecto da sociedade portuguesa para se verificar que urge pôr cõbro imediatamente aos desmandos duma facção partidária incompetente e perturbadora, que dia a dia vai cavando o abismo em que todos nos afundaremos, se em todos não aparecer uma grande dose de bom senso, de tolerância e de patriotismo.

Mas como o leitor vai vendo, apontado o mal, apontado deve ser o remédio.

E eis-nos chegados ao tema fundamental deste breve artigo, em que pode haver muitos defeitos literários, mas onde não há a menor falta de sinceridade.

Para que a Nação Portuguesa se salve há uma solução única!

Sabido que hoje, em Portugal, só há um partido organizado capaz de fazer integrar a família portuguesa no regimen republicano e que esse partido tem o nome de Partido Republicano Evolucionista, escusado será dizer que a salvação do País exige que seja poder este grande e patriótico Partido.

Pergunta-se: Tem este Partido condições de governar com o actual parlamento? Não tem.

Tem este Partido condições de governar com a opinião pública, com a maioria dos cidadãos portugueses? Tem.

E porque é assim? Porque sendo o actual parlamento uma perfeita assembleia partidária e nunca um genuino poder legislativo, e sendo o nosso Partido o único que sabe reconhecer os valores, e as competências da sociedade portuguesa, não inquirindo do passado politico de ninguém, procurando apenas, estimulando apenas, patriotismo, dedicação, intelligência e honestidade, é este Partido o único que pode salvar a existência de Portugal como nação autónoma e respeitada.

Que há então a fazer? Dissolver o parlamento? E porque não? Não o pediram já os revolucionários civis e militares de 5 de Outubro?

Demitir o actual governo? E porque não? E' tal acto de força contra a lei fundamental do País?

Será. Mas os interesses da Pátria não estarão superiores a todas as convenções? E se os interesses da Nação requerem o afastamento immediato, das cadeiras do poder, do actual gabinete, porque não demitir este governo?

Não é essa a opinião do illustre Tenente Coronel Coelho, o combatente do 31 de Janeiro?

E dissolvido o actual governo, e dissolvido o parlamento, que fazer depois? Claramente se vê o caminho.

O Chefe do Estado, depois de, para salvação do País, ter agido assim, chamaria ao poder o Partido Evolucionista. Este, no poder, decretaria a immediata convocação dos colégios eleitorais, procedendo-se às eleições administrativas, tomando o país posse do que de direito lhe pertence.

Entregue a Nação à sua vida normal administrativa, decretar-se iam eleições gerais parlamentares, formando-se um parlamento em que cada concelho tivesse o seu representante, à excepção das capitais de distrito que teriam um direito especial.

Abertas estas câmaras, proceder-se ia a uma ampla discussão e revisão de toda a obra do Governo Provisório, estendendo-se essa revisão mesmo até ao que se tem feito depois, devendo merecer um especial cuidado a chamada lei da Separação que, segundo a esclarecida opinião do nosso cor-religionário e republicaníssimo dr. João de Freitas, é uma lei de Espoliação.

Entraria o País numa fase de politica activa e sã, fecunda e liberal, dando à Consciência Portuguesa a paz a que ela incontestavelmente tem direito.

Eis a única solução.

Eis os traços gerais do caminho a seguir, para que a Nação Portuguesa, anemizada e febril como está, se transforme num corpo sã, com condições de vida, com garantias de independência inofismável e definitiva.

E' violento o processo de libertar o País da doença que o mina? Será.

¿Mas entre uma nova revolução que faça correr sangue de irmãos e um acto decisivo do Chefe do Estado que, por exigências da salvação Nacional, decrete eleições e dissolva a assembleia afonsista de S. Bento, há que hesitar?

O Partido Evolucionista no poder é o próprio país no governo, visto que este Partido é constituído pelo que de mais Competente existe na Nação. E já agora diremos:

Engana-se quem supõe que a República pôs à margem os valores e as competências do Passado. Houve um partido, é certo, que achincalhou a Sinceridade Portuguesa, o Patriotismo, a Dedicção. Mas nem o Partido Evolucionista nem o regimen republicano podem ser responsáveis por essas afrontas, por esse enxovalho, por esse desdem!

Aqui fica apontado o caminho que terá de ser seguido, para salvar Portugal. E conosco temos a maioria dos nossos concidadãos.

Rodrigo Pimenta.

N. R.—Quem o sr. Pimenta pretende que tenha suposto que a república pôs à margem os valores e as competências do passado, é *Zé Feles* no seu artigo do último número deste jornal. Ora como *Zé Feles*, é um nome suposto e não gostamos de embuçados, e como não podemos deixar sem reparo aquelas palavras, vamos nós falar.

Perdoe-nos o sr. Pimenta, por quem temos profunda simpatia, mas nem *Zé Feles* supôs, nem nós supomos, que a república possesse à margem esses valores e essas competências, antes o afirmamos categoricamente porque, como toda a gente, temos disso plena certeza.

Não foi um partido que achincalhou a Sinceridade Portuguesa, mas sim a república implantada em 5 de Outubro de 1910, cujo poder soberano residiu, por longos meses, no governo provisório que tudo fez, tudo consentiu, tudo aplaudiu e nada procurou corrigir.

Não é o partido evolucionista, é certo, responsável pelas afrontas que datam do governo provisório, porque a sua fundação é posterior; mas toda a gente sabe que o chefe desse partido foi ministro do interior do mesmo governo e colaborou, consciente e passivamente, em toda a sua obra.

Quanto ao regimen já sabemos que todos são bons desde que bons homens os administrem.

UMA HORA SUAVE

A' Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria das D. da C. e Costa.

Eu quero muito bem à hora abençoada do desfolhar do dia; hora saudosa e calma, hora em que as ilusões nos vem cafr sobre a alma como por sobre um horto o pranto da alvorada!...

E' então que a avesinha apura mais seu canto... é então que é mais ruidoso o rir do afortunado... e mais comovedor, por mais sincero, o pranto dos que da desventura andam gemendo ao lado!

E' então que a saudade, a Virgem condoída, doce como um sorriso ingenuo de criança, e triste como um hino ao pôr do sol da vida, vem a falar comigo em voz plangente e mansa...

Fala-me das visões que eu adorei outrora; dos sonhos que teci em noites vaporosas! visões feitas do encanto e do esplendor da aurora... sonhos feitos do mimo e do frescor das rosas!...

Fala-me sobre quanto, algum longínquo dia, me riu de amor ao coração, e que hoje é morto... sorrisos de ternura, estrelas de magia; flores cheias de aroma e idílios de conforto!

E que ora não são mais que pálidas quimeras!... Fada amiga do triste! ai cândida saudade fala-me sobre a luz que faz as primaveras hoje que me circunda o horror, a escuridade

Eu quero muito bem à hora enternecida do desfolhar do dia; hora de enleio e calma em que a recordação do teu amor, querida, me vem abrir num repto, as pétalas da alma.

COMPREENSÃO "AVARIADA,"

A vermelhaça gente, porque um considerável número de indivíduos que, apesar de estarem agora muito em voga as metamorfoses sociais, conservam inalteravelmente a crença de seus pais—a Fé Católica—tratam de constituir, dentro da lei, uma associação denominada **Juventude Católica**, despeja sobre elles a sua asquerosa bilis, e o *Trapo* das quintas feiras vem, todo ancho e parecendo muito senhor do que diz, chamar-lhes juventude *degenerada*.

Degenerado, segundo a acepção lógica do termo, é aquele que não corresponde ao seu primeiro estado ou o que não imita o bom proceder dos seus maiores.

Vá lá esta liçãozinha gratuita. Degenerados não são, pois, os jóvens-católicos que foram educados por seus maiores na sublime religião fundada por Jesus Cristo e nela continuam a viver e a crer, e com tanta fé e com tanto ardor que, para que esta religião mais se propague e mais se fortaleça fundam, dentro das prescrições legais do seu país, uma associação onde possam reunir-se e estudar os meios de conseguirem o seu louvável intento.

Degenerado é, ao contrário, todo aquele que tem um pai católico, juiz duma irmandade, e vai assistir com falso respeito e fingida compostura à festa religiosa que seu pai promove e vem depois prègar na praça ou na imprensa contra a religião de seu pai.

Degenerado é, ao contrário, todo aquele que ia à missa do meio dia pelo braço das *titis*, que casa duas vezes à face da Igreja Católica e que prega a guerra a essa mesma Igreja e não só a prega, a move, fazendo entre outras coisas, retirar da capela do cemitério a imagem do Crucificado.

Degenerado é, ao contrário, todo aquele que tendo sido sagrado padre católico, consente que na sua presença se ultrage a sua religião e se conserve ainda em um lugar de onde já devia ter retirado há muito se fôsse um medíocre comprehendedor dos seus deveres.

Degenerados êsses. Degenerados todos os vermelhaços demagogos de Guimarães por que não correspondem ao primeiro estado, nem imitam o bom proceder dos seus maiores, e não só degenerados mas muito pior ainda.

Os jóvens-católicos de Guimarães seriam degenerados se, em vez de fundarem uma associação própria, se fôsem filiar nos centros da demagogia fazendo côro com ela nos seus dispautérios e imitando-a nas suas perseguições e derrubamentos de imagens.

Isso sim. Isso queriam os vermelhaços e então, aqueles a quem hoje chamam degenerados, seriam os jóvens mais honrados do orbe demagógico; mas porque o não

fazem, porque continuam inquebrantáveis na sua fé, imitando o bom proceder dos seus maiores e porque a demagogia trocou os nomes a tudo, chama-lhes *degenerados*.

¿Porventura o velho chapéu de castor deixou de o ser por a moda trazer ao comércio os modernos chapéus de fino feltro, os *cócos*, os *palhinhas*, os *panamás* e os *litros finos*?

Por ventura o antigo guardasol de barbas de baleia e grosso pano e os de paninho de 12 varas deixaram de ter applicação com a aparição das graciosas sombrinhas de ramagens variadas e de seda de tôdas as côres e o chapéu de chuva, ou de sol, de seda com boa armação elástica de aço, mola para abrir ou para fechar, lindos cabos e finas varas?

Não, por certo.

Dai a um carvoeiro um *cóco* que êle, arremessando-o fora, mostrará o velho chapéu de castor e dirá que não gosta de *quicos*.

Dai a um almocreve da Beira um lindo guarda-chuva pequenino e gracioso que êle, apontando o de barbas de baleia ou de 12 varas, dirá que não quer somente cobrir a cabeça mas o corpo todo.

Pois fique-se o *Trapo* entre os *cócos* e os guardasóis de boa seda, flexível armação de aço, lindos cabos e finas varas de metal e deixe que os outros vão comprar os guarda-chuvas de que gostam, embora sejam de barbas de baleia ou de 12 varas e grosso pano ao estabelecimento onde a seu gôsto os podem adquirir.

Insultos e ameaças

Fomos informados de que alguns dos guardas expulsos da policia andaram em uma noite preparando uma cilada ao ex-cabo 20 João de Abreu Vieira, na qual não caiu devido à muita prudência com que usou e que, como d'êle não se tenham podido vingar, teem insultado infamemente, com palavrões obscenos, a mulher d'êle quando a encontram.

E' este um acto indigno que, muito longe de colocar bem os referidos guardas, só serve para demonstrar os baixos sentimentos de quem os pratica e que a sindicância andou muito bem pondosos fora de uma corporação onde são indispensáveis a cordura e a boa educação.

Também nos dizem que ao mesmo ex-cabo ainda não foi pago o *pret* de uma quinzena que se lhe deve e que está depositado no cofre da policia.

Não achamos justo que assim se faça.

O homem e a familia não hão de comer pedras.

Expulse-se quem errou mas pague-se lhe aquilo a que tem direito.

Beijos de jumentude

Doçuras (Capítulo III)

E' ou não?!

Valha-nos o Padre Sant'António!

Final, o Capitão, apenas ce-deu ao frei António de Espairo, —a caneta, tinta e papel almaso para confeccionar aquele *atilho* segundo, contra a Juventude Católica!

Ora adeus, quem dá a tigela também deve oferecer o garfo!

O primeiro *atilho*, apesar do seu bocadito de *tinha doutrinária*, (lá verdade, verdade), parecia obra de alguém que, briosa e galhardamente, empunhou uma espada sob os ardentes sóis africanos!

Porém, esta *marmelada* do *grave* e *untuoso arrábido*, não foi preparada com o *assucar em ponto*!

Ora, queira saborear, meu capitão:—

—«Caríssimos irmãos, vão principiar as matinas! *Domineus vobiscum?*»

Isto só do frei António, untuoso e grave, com sobrepelez e estola e *vestido das suas insignias*!

Ai, meu capitão, que se perde a África e a *Alvorada*!

Ordena o Rev.^o Capelão Rial, Mendes Leite:

Que o guardião-mór de Espairo, frei António, ao principiar o côro para matinas cante em *gregoriano puríssimo*:

«Deus, in adiutorium meum intende.

«Domine, ad adjuvandum me festina.

«Gloria Patri, et Filio, et Spiritui Sancto.

Etc. Alleluia, Alleluia.

Mas, da septuagessima até à Páscoa em vez de Alleluia cantará: *Laus tibi, Domine, Rex aeternae gloriae*.

E, para maior brilho, mais ordena S. Ex.^a que o irmão Calisto faça a caridade de tomar o seu lugar ao órgão grande afim de regalar os ouvidos da *virtuosa comunidade*.

E, pax vobiscum!

E' assim, ou não?!

O sr. Gonçalves Neves, da Commissão Jurisdiccional, escrevendo ao Marianinho da *Mancipal*, diz que não dá licença a ninguém para ser mais liberal e anti-religioso que êle; que a remoção das *célebres ossadas* das hospitaleiras para a vála geral é um acto mesquinho, inutil, odioso, etc. e tal...

E o *nosso prior*, com aquela sapiencia do *Crispim Azeitona*, redigiu lá para o «Seculo»:

«Queira *vomecé*, *sór Neves*, indicar o que é que as Câmaras hão de fazer aos *cadáveres* porque ninguém se interesse, para

Prefiram os deliciosos champanhes—AVIADOR—FLOR DE LIZ—ELITE SPORT—RENÉ LUDÉ—FRANÇAIS BATAILE—e, bem assim, o excelente VINHO BRANCO GAZOSO, de LUCIEN BEISECKER, Anadia.

UNICA REPRESENTANTE NO MINHO

CASA BARBOSA

RUA DA REPÚBLICA

Encontram-se também nesta antiga e acreditada Casa todos os géneros de mercearia e confeitaria, garantindo-se a sua optima qualidade e procedência.

evitar esse mesquinho e odioso acto que, infelizmente, todos os dias e por toda a parte se pratica.

—O' sôr prior da Rocha!!...
O que se há de fazer aos cadáveres pelos quais ninguém se interessa?

Olhe, no Pôrto, Coimbra, Lisboa e mais terras grandes dessas *Európias*, prega-se com eles no necrotério (ou morgue, como pela França e por aqui dizem os *priores finos* e frei Antónios sapientes).

No tal necrotério fazem-lhes autópsia para se comprovar se têm (entre outras miudezas)—*bigode no coração, suíças nos pulmões e péra no baço!*...

Depois... *kilogramam-nos* de cal na região abdominal (a *barquinha*, sôr prior) e... finalmente, cobrem-nos com sete palmos de terra...

Passado que seja, porém, um lustro (pelo calendário do Paolopes—5 anos), vão as *infelizes osadas* dos que foram cadáveres, (sobretudo de freiras e ainda que estejam em jazigo), recebida a benção de vossa prioridade, para a vala comum!!!...

E fúnebremente finaliza tudo. E' assim, ou não?!

Frei António abençoando os Socialistas!

«Ide àquele Pevidem, filhinhos, e trabalhai, trabucaí, semiai e arroteai sempre... e a terra germinará!»

E soleníssimo, comovidíssimo: «Para que os vossos esforços vinguem e novos adeptos venham juntar-se-vos, não é mister nenhuma *argumentologia complicada*:—basta que digais ao povo que no grande banquete da vida há ali um *talher* que lhe pertence,—embora *alguém* lho occulte.

E esse *alguém*, é o... *Existente!*»

—Então há *alguém* que oculta o *talher* para que o povo não trinche a tal *argumentologia complicada*?!

E, é o Existente, esse *alguém*, Frei António?

Parece piada ao Afonso Costa; cruzeis!...

Festa sem sermão?!!...

Escreve a *aguia* de Espairo aos *Tartufos do Legionário*, a propósito da festa da arvore e hortaliça:

a) «Combateis essa festa porque ela é um culto comoventememente prático e útil;

(E' aquilo ou não, *senhores armadores Passos e Eugénio?*)

b) porque, porisso mesmo, ofusca em brilho e em valor essas vossas *festarolas anacrónicas*; (Que dizem a este *brilho e sinfonias* os *maestros srs. Padre Ramos, Henrique, Calisto, Guise e Cipriano?*)

c) porque, numa palavra, é uma festa sem *sermão* nem *missa cantada*, e, sendo assim... não rende!

—O' frei António do meu rico Santo António!—então o *sôr prior* Mariano e o Mário Vieira não *pregaram* espantosa e *botanicamente*?! Não os ouviu quasi um milhão de *pequerruchada* afóra

os papáis, mamáis, titis, vóvós e vóvós?!

E aqueles dois *egregios varões*, *pregam* lá por ventura quando o *sermão* não renda?!

Baia, baia!

Para terminar:

Mi dá licença, mê Capitão?

Eu sô o Kiponga Bánana, mi conhece ainda, hein?!

E vênho aquí, porquê mi contaram que em Coimbra vá apparecê um *quinzenário* intitulado êle —*Juventude Anárquista*—e que mê Capitão e o frei Antône dêsejam assiná êle!

Consita, pois, mê Capitão, uma *préguntinha*:—aquilo não *cheira* à *Juventude dégenerada*, pois não, mê Capitão?!

Mi dêspache, que preciso fazê o *cáfêzinho* o frei Antône, que anda, mê rico *sinhô*, tam *rôquinho* por causa dos *ensaios* di *cantôchão* pá cantá bem *Matinas*!

Dêspache o sê Kiponga, vá, mê Capitão!

Lopespaio.

Festas religiosas e profanas

Há coisas em que nos aborrece tocar, tal é o asco que nos causam; mas para taparmos a boca a certos *menestres flautistas* da *fanfarrá demagógica*, não temos *remédio* senão recorreremos às *demonstrações* que são o maior *flagelo* que podemos infligir-lhes.

Os ferozes inimigos do *catolicismo*, e consequentemente *ferrenhos adeptos da lei basilar*, dizem, todos *ufanos*, que as *festas religiosas* não *prejudicam* o *comércio* e a *indústria* e que as *festas cívicas* é que são boas com as suas *cantilenas* e as suas *lérias*.

Para eles, com efeito, assim é, como *passamos* a *demonstrar*:

Os ferozes *demagógicos* são, em uma grande parte, *funcionários* a quem o *estado* ou as *corporações administrativas* pagam, muitas vezes por mais do que um *lugar* e que, portanto, não *precisam* de *esperar freguesia* porque *teem a papa* certa; outros são *empregados* a quem a *falta* de *negócio* não *afecta* os *ordenados*, e outros, na sua maior parte, são *individuos* sem *modo* de *vida* mas com *aspirações elevadas* que andam de *nariz* no ar a ver quando as *castanhas* pingam.

Mas faz, *sim senhores*, e vamos *demonstrá-lo* também.

No *domingo* da *Paixão* deixou de *realizar-se*, *mercê* da *liberdade* e *tolerância* que nos *rebenta*, a *procissão* do *Senhor dos Passos*, mas em *compensação* realizou-se nesse mesmo dia a *chamada festa* da *árvore*.

Responda agora o *comércio* e a *indústria*.

¿A quanto *montaram* as *vendas* que *fizeram* por motivo da *festa* das *amoreiras*?

¿E a quanto *montaria* o que *fariam* se se *consentissem*, como *antigamente*, as *solenidades religiosas*, por motivo da *procissão* de *Passos*?

Respondam as *casas* de *pasto*, *restaurantes* e *hoteis*:

¿Qual a *quantidade* de *povo*

que de fora veio assistir ao *pagode* *arbóreo*?

¿E que *quantidade* viria assistir à *procissão*?

Ora eram estas *pequenas coisas* que nós *queríamos* que *êles* *pozessem* em *pratos limpos*, mas *êles* *destas contas* não *sabem* *fazer*.

As bombas

Dizem-nos que o *ex-chefe* de *polícia* *ameaçou* *algures* os *chefes políticos* da *democracia indígena* de que, se *lhe* não *derem* um *emprego*, *descobrirá* quem *foi* que *fêz* *explodir* as *bombas* que *alvorocaram* esta *pacata* *população* há *tempos*.

Que o *ex-chefe* *sabe* *muitas* *coisas*, é *verdade*; mas lá *quanto* às *bombas* não *adianta* *nada* porque, como *foi* *obra deles*, não *há* *perigo*.

O que *queríamos* que o *ex-chefe* *dissesse*, era, por *exemplo*, *onde* *sairam* uns *60000* *réis* que *certo* *dia* *foi* *levar* ao *café* do *José Maria* e que *mostrou* a *alguém* no *caminho* *dizendo-lhe* que *era* o *último* *dinheiro* que *havia* e que *era* *alma* *que* *caía* *no inferno*, ou *frase* *idêntica*, a quem os *entregou* e se *êles* *tornaram* a *entrar* *para* o *sítio*.

Isso é que nós *queríamos* *saber* e *bem* *vê* o *ex-chefe* que *não* *estamos* *muito* *mal* *informados*.

E' só *levantar* o *resto* do *veu*.

Carta do exílio

Boa Zulmira

Com *imenso* *prazer* li a tua *carta*, que *depois* *vi* *publicada* no *Lusitano*, *jornal* que, quando *aqui* *chega*, é *lido* com *avidez* pelos *nossos* *irmãos* pela *pátria* e pelo *infortúnio* que *aqui*, como *eu*, se *estiolam* sem que as *portas* do *nosso* *querido* *Portugal* se *nos* *abram* num *gesto* de *justiça* ou, se *quiseres*, num *sorriso* de *clemência*.

Essa *carta*, *minha* *amiga*, *veio* *fazer-me* *verter* *lágrimas* de *amarrissima* e *dolorida* *saudade* por *êsse* *lindo* *céu* *azul*—tam *azul* como o *manto* da *Virgem* *Purissima*—e por *êsse* *solo* *bendito* que, *segundo* a *Divina* *Justiça*, *podíamos* *pisar* *sem* *remorsos*, mas de que a *iniqua* *justiça* dos *homens* nos *impede*, num *impeto* *repulsivo* de *ódios* *incompreendidos* ou *invejas* *mal* *disfarçadas*; mas *nem* *por* *êsse* *motivo* *deixes* de *escrever-me* *porque*, se *por* um *lado* as *tuas* *cartas* *me* *fazem* *sangrar* *mais* *uma* *ferida* *incicatrizável* que *tenho* no *coração*, por *outro* são um *salutar* *lenitivo* às *minhas* *dores*, pois, como à *tempestade* *sucede* a *bonança*, também à *crise* de *lágrimas* se *segue* uma *grande* *consolação* ao *receber* *notícias* da *nossa* *querida* *Pátria*.

O *exílio*, *minha* *Zulmira*! *Pode* *lá* *imaginar* as *torturas* *porque* a *nossa* *alma* *passa* *nas* *terras* que a *generosidade* *francêsa* nos *empresta* e como é *horriavelmente* *doloroso* *êste* *tranquilo* *sosiego* que *ela* *por* *esmolá* *nos* *cede*!

Como é *triste*, *minha* *amiga*!

Vir *mendigar* a *uma* *terra* *estranjeira*, que *nos* *abre* *braços* *compassivos*, *aquilo* que a *nossa* *Pátria* *tinha* *obrigação* de *nos* *dar*, mas que *malvadamente* *nos* *recu-*

sa, *apontando-nos* a *fronteira* num *impulso* de *mesquinho* *desdém*!

Resta-nos *ao* *menos*, *minha* *querida*, a *mim* e *aos* *meus* *irmãos* de *infortúnio*, a *mais* *suprema* *das* *consolações*.

E' que *enquanto* os *portuguêses* que *nos* *odeiam* se *degladiam*, se *insultam*, se *esmurram* e se *esfaqueiam* uns *aos* *outros*, *enquanto* que *êles* *não* *encontram* uma *só* *hora* de *tranquilidade*, *enquanto* que *êles* se *debatem* no *lodaçal* das *paixões* e das *invejas* que *lhes* *emporalham* os *nomes* que *lhes* *tingem* de *sangue* as *consciências* e que os *tornam* *odiosos* e *abjectos*, nós, com *dolorida* *saudade* do *céu* *azul* da *nossa* *querida* *Pátria*, com a *viva* *lembrança* dos *entes* *queridos*, *sim*, cá *vamos* *vivendo* *nesta* *paz* que a *generosidade* *francêsa* *por* *esmolá* *nos* *cede*.

Gente de *bem*, *esta* *gente* *francêsa*!

Tem-se *festejado* *aqui* *muitissimo* a *nobre* *atitude* da *snr.ª* *D. Constança* *Teles* *da* *Gama*.

Sublime *Mulher*!

E' *naquela* *incomparável* *lição* de *heroísmo* *feminino* que *nós*, as *mulheres* *portuguêsas*, *devemos* *aprender* *como* se *encara* de *frente* a *desgraça* que *nos* *querem* *lançar* *sobre* os *ombros* e como se *olham*, de *fronte* *altiva*, os *homens* *sem* *entranhas* e *sem* *consciência* que, por *crimes* *imaginários*, *querem* *arrastar* até *uma* *ignominiosa* *masmorra* quem *tenha* a *coragem* de *manifestar* *públicamente* a *sua* *Fé* e a *sua* *compaixão* pelos *infelizes* que *sofrem* nos *ignóbeis* *ergástulos* os *ódios* dos *seus* *inimigos* e *perseguidores*.

Nobilissimo *exemplo*!

Adeus.

Um *saudoso* *abraço* da *Tua* *muito* *amiga* do *coração* *S. Jean* *de* *Luz*.

Zelia.

Missa do 30.º dia

Na *próxima* *quarta* *feira*, *23* do *corrente*, *pelas* *9,30* *horas* da *manhã*, *celebra-se* na *igreja* da *Collegiada* uma *missa* *sufragando* a *alma* do *benquisto* *solicitador* que *foi* *dêste* *juízo* *sr. Manuel* *Fernandes* *da* *Silva* *Correia*, *pai* *extremoso* dos *nossos* *amigos* *José* e *Mário* *Correia*.

O *religioso* *acto* é *mandado* *celebrar* pela *família* do *saudoso* *extinto*.

MOSTARDA...

Chegou

Vindo de *Aveiro* em *grande* *velocidade*, *chegou* a *esta* *cidade* uma *remessa* de *fiões* *charutos* e *soberbos* *chapéus*, *oferta* do *povo* daquela *localidade* ao *representante* *subsidiado* do *centro* *republicano* *desta* *cidade* ao *congresso*.

Palma

Vai *ser* *ofertada* pela *maçonaria*, a *um* *cavalheiro* da *nossa* *cidade*, *uma* *palma* de *honra*, *premiando* *assim* a *repugnância* que *lhe* *causava* *respeitar* a *crença* de *outros*.

A *êste* *cavalheiro* *custou-lhe* *muitissimo* *descobrir-se* à *passagem* *duma* *procissão*, em *Santo* *Estevão* *de* *Urgezes*, o que *só*

fêz a *rogos* dum *seu* *companheiro*.

Parece-nos que *ninguém* o *lá* *chamou*, e *já* *que* *foi* *por* *gosto* *não* *deveria* *ser* *necessário* que *lhe* *lembrassem* o *seu* *dever*.

Isto *são* as *flores* que *nos* *dá* a *república*.

Alargar

Bom *seria* que a *Câmara* *mandasse* *alargar* os *passios* *para* *evitar* que a *rotundidade* *azeitónica* *incomode* os *transeuntes* com a *sua* *bestial* *gordura*.

Mais um

O *congressista* *também* *trepitava* *perante* a *idea* *se* *deveria* *ou* *não* *descobrir-se* à *passagem* da *procissão*, o que *só* *fêz* *quando* *viu* o *amigalho* *com* o *chapéu* *na* *mão*.

Olhe *menino*, *não* *se* *envergonhe* de *respeitar* as *crenças* dum *povo* que *foi* *glorioso*.

Não *figa* *mal* *ser-se* *bem* *educado* em *qualquer* *parte* em *que* *se* *esteja*.

E' *muito* *mais* *vexante*, *mas* *muitissimo* *mais*, *consentir-se* que *se* *façam* *subscrições* *para* *dar* *passetas*.

Quem seria o melro?

Consta-nos que *um* *melro*, *mas* *dos* *de* *bico* *avermelhado*, que *foi* a *Aveiro* *assistir* ao *congresso*, *papou* *um* *jantar* e *pisgou-se* *sem* *o* *pagar*, do que *veio* *gabar-se* *para* *Guimarães*.

E' *saboroso*, *não* *é* *cidadão*, *comer* a *mófo*?

Sempre *há* *cada* *lindinho*!

Ai *liberdade*, *liberdade*, *como* *tu* *és* *doce*.

Virtudes *cívicas* dum *cívico* que *gosta* de *paperocar* à *custa* do *próximo*.

Higiene

Um *assinante* de «O Lusitano», *chama* a *nossa* *atenção* *para* *um* *foco* de *infeção* *existente* nas *trazeiras* dos *prédios* da *rua* de *S. Dâmaso*.

Pergunta-nos *êle* *quando* *será* que a *senhora* *Câmara* *providenciá* no *sentido* de *evitar* que *qualquer* *dia* *grasse* *por* *ai* *qualquer* *epidemia*.

Olhe, *caro* *leitor*, *agora* a *sr.ª* *Câmara* *anda* *muito* *preocupada* *com* o *ajardinamento* da *cidade*; *logo* que *Guimarães* *seja* *um* *jardim* *à* *beira* do *Selho* *plantado*, *tratará* de *tam* *necessárias* *obras*. *Por* *enquanto* *não* *pode* *ser*.

A liberdade em Braga

«O *sr. chefe* de *esquadra* *policia*l *mandou* *recolher* no *comissariado* *António* *Pinheiro* *França*, *casado*, da *freguesia* de *S. Lázaro*, *por* *ter* *cenurado* os *actos* do *sr. presidente* de *ministros*».

Correspondência de Braga para o «Janciro».

Liberdade, *liberdade*, *quem* *na* *tem* *chama-lhe* *sua*. *Agora* a *felicidade* *só* *tem* *seu* *lugar* *na* *Lua*.

São *tam* *bonitas* *estas* *brincadeiras* *mas* *mais* *catitas* *são* *tais* *asne*

NINHARIAS

FOR

José de Azevedo e Menezes

Refutação documentada dos erros cometidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acerca das Farias, de Barcelos.

A venda na Papelaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha.

PREÇO 800 RS.

Interesses no Brasil

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática de advocacia em Portugal e no Brasil, advogado do Banco Aliança do Porto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a direitos e interesses de portugueses no Brasil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros divididos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papeis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Porto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral, — rua da Fábrica, 78.

Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

FUNILEIRO

Manuel Ferreira da Costa

Faz e concerta toda e qualquer peça de obra pertencente à sua arte, tanto em fôlha, como zinco ou cobre.

Também se fazem gazómetros para acetilene, pulverizadores, caixões de chumbo para funerais, banheiras de todos os tamanhos e feitios, encanações de água ou gaz em tubo de chumbo ou galvanizado, assim como assentamento de retretes e suas pertenças. Tudo por preços módicos.

Rua de Francisco Agra, 31, 33.
GUIMARÃES

COMPANHIA DE SEGUROS A POPULAR

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

FUNDADA EM 1902

Capital autorizado Rs. 500:000\$000

Telefone n.º 2460 — Enderêço telegráfico: LARPOPU

Rua dos Bacalhoeiros, 125, 2.º

LISBOA

Correspondentes em Guimarães—PIMENTA & C.ª

Com estabelecimento de fazendas brancas, miudezas, etc.

24, Rua de Paio Galvão, 28

ATENÇÃO!

Só na Sapataria Académica à Rua Dr. Avelino Germano, 36 (antiga Rua de S. Paio) é que se encontra o calçado mais bem acabado, e por preços que ninguém ousa competir.

Garante-se a superior qualidade nos cabedais empregados nos calçados.

Trabalho, o mais perfeito, e preços muito mais económicos que em qualquer outra sapataria de Guimarães.

Uma encomenda pois, que será a prova mais cabal do quanto se afirma neste anúncio.

Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-externos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial prático. Alimentação abundante e bem cuidada. O resultado dos exames no presente ano lectivo foi de 50 APROVAÇÕES COM 3 DISTINÇÕES. Envia-se o programa a quem o pedir à direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, médico
Luís Gonzaga Pereira.

FOTOGRAFIA MODERNA

Rua de S. Dámaso, 10

GUIMARÃES

Nesta acreditada fotografia executam-se com a maior presteza e máxima nitidez, todos os trabalhos fotográficos pelos mais modernos processos como sejam:

Retratos platina, sais de prata, etc.

Ampliações em todos os tamanhos até ao natural de qualquer fotografia por mais pequena que seja.

Retratos em porcelana, madeira e seda. Admiráveis retratos reclame, a 400 réis a meia dúzia.

Belas miniaturas para medalhas, a 250 réis a meia dúzia.

Postais fotográficos, a 900 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis de 50 centímetros, a 1\$500 réis.

Esta fotografia possui um excelente material, o que há de mais aperfeiçoado, o que permite executar todo e qualquer trabalho e com a máxima perfeição, operando com todo o tempo.

Tomam-se encomendas fora do atelier sem aumento de preço.

Prefiram este atelier a qualquer outro, pois é o único com quem ninguém pode competir em preços e perfeição.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



MACHINAS SINGER PARA COSER
QUE VÃO DIRECTAMENTE
DAS
FABRICAS AO COMPRADOR
VENDA ANUAL: 2.000.000 DE MACHINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM
JÁ NAS
MACHINAS
PARA COSER
SINGER

MAIS
APERFEIÇO-
AMENTOS
NEM
MECHANISMO
MAIS
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEREZA.
MAXIMA DURACÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO.

Avenida Candido dos Reis — GUIMARÃES

O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal, Ultramar e Espanha	
Sem estampilha	
Ano	1\$200 rs.
Semestre	600 "
Pelo correio	
Ano	1\$300 "
Semestre	650 "
Trimestre	400 "
Estados U. do Brazil (ano)	1\$800 "
Países da União Postal	2\$400 "
Número avulso	30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adiantado)

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetições, por linha	20 "
Permanentes, contrato convencional	
Reclamos, no corpo do jornal, até	
5 linhas, cada um	100 "
Anunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.	

P. LUÍS DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMACULADA CONCEIÇÃO

pregado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opúsculo, precedido da narração do

interessante episódio que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.

Pelo correio 65 rs.

Pedidos à Tip. Minerva Vimaranesse
R. Paio Galvão—Guimarães

O LUSITANO

I Ano

Publicação semanal de Guimarães

Num. 45

Ex.ª Sr.